



A Batalha de Salaminas

Armando de Senna Bittencourt*

RESUMO

O artigo discorre sobre o fato histórico do Mundo Antigo que pôs fim à expansão persa ocorrida no século V a.C.¹

PALAVRAS-CHAVES

Título, poder marítimo, trirremes, os gregos.

OS GREGOS E SUAS TRIRREMES

A Grécia, parte sul da Península dos Balcãs, se caracteriza por seu território montanhoso e pouco fértil, de difícil aproveitamento agrícola, que se projeta no Mediterrâneo, criando grande quantidade de baías, cabos, penínsulas e ilhas. Os gregos, desde muito cedo, aprenderam a depender do mar para seu sustento, através da pesca e do comércio marítimo. Logo, também, aproveitaram suas habilidades marinheiras para expandir seus domínios, colonizando ilhas e terras do litoral do Mediterrâneo. Assim, acrescentaram ao território inicial grego o litoral ocidental da Ásia Menor, parte do sul da Itália e da Sicília e diversas outras ilhas e

locais adequados para instalar seus portos, como Marselha, por exemplo.

Procuravam manter suas cidades independentes. Algumas delas desenvolveram poder marítimo, criando frotas mercantes e de guerra, que lhes trouxeram prosperidade e garantiram sua independência econômica e política. Por volta do século V a.C. Atenas, com seu porto, Pireu, já se destacava como importante centro de um sistema de comércio marítimo.

Não eram incomuns as guerras que travavam entre si, contra os fenícios e contra piratas que assolavam o Mediterrâneo, disputando rotas marítimas de comércio ou protegendo-as. Para isso possuíam embarcações de guerra propulsionadas por remadores quando em combate, semelhantes às de

* Almirante-de-Esquadra. Sócio-titular do IGHMB.

¹ Texto desenvolvido em aula ministrada no primeiro curso de pós-graduação de especialização *latu sensu* realizado na UNIRIO, sob o patrocínio do Departamento de Ensino e Pesquisa do Exército e orientação do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, no ano 2000.

outros povos do Mediterrâneo, denominadas aqui, abrangentemente, de galés. Eram embarcações relativamente leves, para poderem alcançar velocidades elevadas nos períodos em que os remos estavam sendo empregados. Nas viagens, quando o vento era favorável, içavam uma vela de formato aproximadamente retangular, o que permitia que os remadores descansassem.

O comportamento no mar dessas embarcações, de pequena borda livre e pouco calado, era péssimo, mas, em situações desfavoráveis de mar, graças ao pequeno calado, podiam se abrigar nas águas tranquilas de uma enseada, ou baía, ou abicar numa praia de areia.

No início, as galés eram utilizadas na guerra como plataformas para transportar guerreiros, que lutavam entre si. A abordagem era a tática que decidia os combates. Depois, por volta do ano 800 a.C., desenvolveu-se o *esporão*, na proa, que permitia abalroar e afundar a embarcação inimiga. A galé passou, então, a ser empregada como um sistema, composto pela embarcação e seus remadores. Novas táticas de emprego puderam ser desenvolvidas, como manobras de remos que, evidentemente, necessitavam treinamento e liderança experiente. Essas táticas podiam, também, envolver operações com diversas embarcações que manobravam simultaneamente.

O advento do *esporão*, portanto, exigiu maiores velocidades e melhor manobrabilidade. Conseqüentemente, as galés dos tempos pré-homéricos evoluíram para uma embarcação com maior relação comprimento versus boca, o *penteconter*, de

cinquenta remos, com 25 remadores em cada bordo. Estima-se que essas galés eram capazes de alcançar uma velocidade máxima de 9,5 nós (milhas náuticas por hora), o que corresponde a 17,6km/h.

Entre os tempos de Homero e aproximadamente 500 a.C., desenvolveram-se

No início, as galés eram utilizadas na guerra como plataformas para transportar guerreiros, que lutavam entre si. A abordagem era a tática que decidia os combates.

galés com duas fileiras de remos em cada bordo, as *birremes*, e, depois, com três fileiras, as *trirremes*. Havia na *trirreme*, um número máximo de remos em relação ao comprimento da embarcação. Para que isso fosse possível, mantendo os pesos baixos, para não prejudicar a estabilidade, os remadores eram *compactados* em grupos de três, cada qual com seu remo, em bancos que distavam, verticalmente entre si aproximadamente meio metro e que estavam afastados, horizontalmente, apenas da distância necessária para permitir os movimentos dos remadores. A distância vertical do banco mais alto para o mais baixo era, portanto, de aproximadamente um metro. O remador da posição mais baixa, por baixo dos outros dois, estava numa situação que foi ridicularizada numa peça de teatro da Grécia Antiga, uma comédia de Aristóphanes, pois seu nariz ficava muito próximo do traseiro de um dos outros dois remadores e, portanto, sujeito aos gases que podiam escapar com o esforço do exercício.

Também por uma questão de estabilidade, é improvável que tenham existido galés com mais de três fileiras de remos por bordo. A existência, no futuro, a partir do século III a.C., de *quadrirremes* e *qüinqüerremes* teve a ver com maior quan-

tidade de remadores por remo e não com o número de fileiras.

Remar com esse arranjo de remos da *trirreme*, muito próximos uns dos outros, somente seria possível para uma guarnição muito bem treinada e disposta a não cometer erros. Bastaria que um remador perdesse o ritmo para causar um grande emaranhado de remos em todo aquele bordo, o que poderia ter graves conseqüências em combate, ou numa formação tática com outras galés próximas. Só se alcançaria um desempenho satisfatório com embarcações construídas obedecendo ao projeto das trirremes gregas, se fosse possível um excelente treinamento de remadores motivados. Essa motivação dificilmente se conseguiria com escravos e chicote.

Acredito que a *trirreme* representou o apogeu do projeto e emprego tático do *esporão* das galés. É provável que o segredo da *trirreme* seja o fato de que, em geral, os remadores eram homens livres, que lutavam por sua cidade, recrutados das classes mais pobres, que não podiam pagar o preço do equipamento necessário a um soldado, como as peças da armadura e as armas, típicas da infantaria pesada.

A PRIMEIRA GUERRA MEDA

A expansão do Império Persa afetou, profundamente, os gregos. Ciro, seu fundador, conquistou toda a Ásia Ocidental. Dário, que governou a Pérsia de 521 a 485 a.C., ampliou seus domínios, inclusive submetendo a Trácia e a Macedônia.

Os persas tratavam relativamente bem os povos que se submetiam, mas os gregos da Ásia, que prezavam muito sua

liberdade, se revoltaram, incendiando Sardes, com o apoio dos atenienses.

Dário decidiu, então, conquistar a península e o arquipélago da Grécia, pois percebeu que sua autoridade sobre as cidades gregas da Ásia Menor seria continuamente ameaçada, através do apoio militar dos outros gregos, que não lhe eram submissos. A invasão da Grécia, no entanto, exigia apoio por mar. A primeira tentativa foi frustrada por uma tempestade que destruiu os navios que transportavam as tropas. Na segunda investida dessa Primeira Guerra Meda, as tropas arregimentadas pelos persas foram transportadas sem empecilho e parece que não houve qualquer tentativa importante de confronto no mar. É possível que as esquadras gregas não estivessem preparadas.

Em território grego, as tropas persas não encontraram maiores obstáculos e as cidades por onde passavam se submeteram aterrorizadas. Atenas, porém, decidiu reagir e obteve uma vitória na planície de Maratona, em 490 a.C., que deteve essa primeira invasão.

Apesar de alguns atenienses acreditarem que a Batalha de Maratona havia afastado o perigo, o retorno dos persas era previsível, mas foi retardado por dez anos, pela morte de Dário e por uma revolta no Egito. Houve, portanto, tempo suficiente para que os gregos, principalmente os atenienses, se convencessem da ameaça e construíssem e adestrassem suas esquadras de galés. Em Atenas, Temístocles foi o incentivador da construção de *trirremes*, principalmente em 483 e 482 a.C.. Era através de seu poder naval que os gregos teriam condições de repelir os invasores, muito mais numerosos. A ini-

ciativa de Temístocles foi de grande importância porque não se improvisa o poder naval, ele tem que ser planejado, construído e conservado, com perseverança.

Pode-se então imaginar dezenas de trirremes atenienses se aderindo em exercícios no mar, nos dois ou três anos antes da nova invasão, para alcançar um padrão de qualidade que pudesse igualar e, até, suplantar o poderio da grande quantidade de navios e guerreiros de seus inimigos.

De certa forma comparáveis em esbeltez aos barcos de competição de remo atuais, porém muito maiores e guarnecidas por 170 remadores, as trirremes podiam alcançar velocidades elevadas, que podem ser estimadas em mais de 11,5 nós (21,3km/h), durante o período de tempo que o fôlego dos remadores permitia. Podiam executar manobras táticas ensaiadas, como guinar com um bordo remando e o outro com os remos parados na água, dar atrás, subitamente, com os dois bordos cindo, ou girar com um bordo remando e o outro cindo. É também possível que uma trirreme pudesse acelerar para atingir sua velocidade máxima, em apenas meio minuto. Esses dados se baseiam no artigo *Ancient Oared Warships*, publicado em 1982, por Vernand Foley e Werner Soedel na revista *Scientific American*.

Cada embarcação, vista de longe, lembraria um animal extraordinário, que podia estar envolto num arco-iris, formado pela incidência da luz no borrifo levanta-

do pelos remos, quase um organismo vivo, um sistema único integrado com sua tripulação, como somente se veria de novo no mar, com os navios de guerra automatizados dos nossos tempos. A silhueta da trirreme, com o cadaste terminando como uma cauda levantada, na popa, o casco negro contrastando com partes coloridas, a pintura do olho na proa e o movimento dos remos, imitando asas, nos dão a certeza de que eles também imaginavam assim seus navios de guerra.

De certa forma comparáveis em esbeltez aos barcos de competição de remo atuais, porém muito maiores e guarnecidas por 170 remadores, as trirremes podiam alcançar velocidades elevadas, que podem ser estimadas em mais de 11,5 nós (21,3km/h), durante o período de tempo que o fôlego dos remadores permitia.

O PRINCÍPIO DA SEGUNDA GUERRA MEDA

Xerxes preparou um exército e uma esquadra, muito mais poderosos do que os da invasão anterior, de Dário. Os navios e suas tripulações, em geral, pertenciam aos povos submissos, ou aliados. Alguns eram de navegadores experientes, como os fenícios, os egípcios e, mesmo, alguns gregos, jônios, que lutavam do lado dos persas.

Dessa vez, os persas decidiram invadir a península grega progredindo por terra. Sua esquadra deveria apoiar o avanço das tropas.

Unir os gregos, mesmo contra um inimigo comum, que eles somente poderiam enfrentar juntos, não era uma tarefa fácil. Heródoto, em sua *História*, nos descreve, detalhadamente, as desconfianças e conflitos existentes entre eles nesse momento dramático da invasão persa. Esparta

conseguiu reunir um congresso, com delegados das, aproximadamente, trinta cidades-Estado. Concordou-se na aliança e em conferir a liderança das operações, em terra e no mar, a Esparta. É provável que Atenas esperasse receber o comando no mar, pois possuía a maior e melhor esquadra, mas tal não aconteceu e a situação exigia tolerância com os aliados.

Ao que tudo indica, a estratégia dos gregos foi a de procurar retardar o avanço persa bloqueando os passos das montanhas e procurar vencer a esquadra inimiga no mar. Temístocles, designado como general das forças atenienses, acreditava que somente no mar seria possível uma vitória. Conseguindo derrotar a esquadra persa, haveria melhores chances de vencê-los em terra. Mesmo assim, conseguir reunir os navios de guerra de todos os gregos, que também sentiam a necessidade de defender suas próprias cidades, foi muito complicado e consumiu um tempo precioso.

A primeira decisão, de manter a passagem do Vale de Tempe, entre a Macedônia e a Tessália, foi abandonada, porque consideraram que a posição poderia ser facilmente contornada. Aliás, a defesa de uma passagem em montanhas somente é efetiva para retardar o inimigo, pois, em geral, sempre há rotas alternativas que possibilitam contornar os defensores.

Os gregos, então, ocuparam o passo das Termópilas com seis mil ou sete mil homens, comandados pelo Rei de Esparta, Leônidas, e protegeram seu flanco pelo lado do mar, posicionando uma esquadra de 271 galés, comandadas pelo espartano Euríbiades, ao norte de Eubéia, em Artemísio.

Enquanto isso, Xerxes avançava vagarosamente por terra e sua esquadra acom-

panhava o progresso do exército, apoiando-o, inclusive, comboiando navios mercantes que traziam suprimentos. Ao chegar às Termópilas, enquanto suas tropas atacavam as de Leônidas, enviou uma força naval de duzentas galés para contornar Eubéia e bloquear o canal. Esta foi destruída por uma tempestade, que também impediu que as galés gregas sáíssem de Artemísio naquela noite. Mas, enquanto ocorriam os combates terrestres nas Termópilas, as esquadras também combatiam em Artemísio, com grande perda de embarcações e homens, conforme nos relata Heródoto.

No terceiro dia desses combates, os persas, em terra, contornaram a posição das Termópilas por um caminho nas montanhas, guiados por um traidor grego, e derrotaram Leônidas. No mar, a esquadra grega, muito avariada, também se retirou para o Sul, deixando exposta aos persas a Ática, onde se situava Atenas. Para os atenienses, a retirada, deixando sua cidade à mercê dos inimigos, foi um alto preço a ser pago, mas, não alcançando uma vitória inicial decisiva sobre esquadra persa, era a alternativa sensata.

O resultado da Batalha de Artemísio, decididamente, não representou uma vitória para os gregos. Mas, retirando-se, podiam conseguir reforços e reparar suas galés que estavam muito danificadas, o que era impossível para os persas, longe de suas bases.

Deixando Artemísio, a esquadra grega foi para Salamina. De lá, os atenienses resolveram evacuar Atenas, prestes a ser invadida pelos persas.

Em setembro de 480 a.C., Xerxes entrou em Atenas, que estava praticamente

deserta, abandonada por seus habitantes, que haviam se refugiado no Peloponeso e, também mais perto, na Ilha de Salamina, que dista, em linha reta, apenas uns 20km de Atenas.

O congresso dos gregos, em Esparta, resolveu concentrar a defesa do Peloponeso no istmo e manter a esquadra em Salamina. A questão agora era: onde forçar a esquadra persa a uma batalha decisiva? Em caso de derrota, o exército grego não teria chances de vitória, lutando contra forças mais numerosas e apoiadas por uma esquadra, que sempre poderia desembarcar tropas para contornar os defensores.

A BATALHA NAVAL DE SALAMINA

Para Salamina vieram também as embarcações gregas que não haviam combatido em Artemísio. Logo, havia mais galés do que anteriormente e continuava-se esperando novas adesões, que já haviam chegado ao Peloponeso e viriam com um reforço de sessenta navios, segundo uns, ou estavam aguardando o resultado para se juntarem ao vencedor, segundo outros.

O comando da esquadra aliada permaneceu com Euribíades de Esparta, mas, Heródoto nos conta que Temístocles forçou a decisão de permanecer e lutar em Salamina. Segundo Heródoto, Temístocles acreditava que: *combatendo em lugar estreito, com um pequeno número de navios contra um número maior de navios inimigos, alcançaremos, segundo todas as probabilidades da guerra, uma grande vitória, pois um braço de mar nos é tão vantajoso quanto será o mar largo para o inimigo*. Além disso, argumentou que, permanecendo em Salamina, os gregos não

combateriam menos pelo Peloponeso do que se estivessem perto do istmo e concluiu que: *se, como espero, batermos no mar os inimigos, eles retornarão em desordem, sem alcançar o istmo e sem poder avançar para diante da Ática...* Existe a lenda, também relatada por Heródoto, de que Temístocles enviou uma mensagem a Xerxes, que o incentivou a atacar a esquadra grega em Salamina. Os autores antigos gregos não estão muito de acordo sobre o texto dessa mensagem.

Seguindo a descrição e a exata localização da Batalha de Salamina de Hans Delbrück, em seu livro *History of the Art of War*, edição de 1975, que apresenta novidades em relação a outros autores, a esquadra grega, com umas trezentas galés, a maioria trirremes atenienses, mas, também, algumas galés de cinquenta remos, estava na costa norte da Ilha de Salamina, onde existem praias de areia e água potável, na Baía de Eleusis. É possível que uma parte da esquadra também estivesse do lado norte da baía, pois seriam necessários espaço e água potável para um efetivo de cinquenta mil a sessenta mil homens e umas trezentas galés.

São duas as entradas para a Baía de Eleusis: a leste, o estreito do lado do Porto de Pireu, de costas rochosas e com o canal passando entre ilhas e pedras; e a oeste, o estreito, mais apertado e tortuoso, do lado de Mégara. Foi por essas duas entradas que a esquadra persa, dividida em duas, iniciou seu avanço, durante a noite, para penetrar, ao mesmo tempo, na Baía de Eleusis, ao amanhecer do dia 28 de setembro de 480 a.C.. Se vencesse, a esquadra grega seria totalmente destruída, pois não havia por onde escapar.

Logo que foi dado o alarme, os gregos também dividiram sua esquadra em duas, uma foi para a extremidade leste da Baía de Eleusis e a outra para oeste. O plano grego era não permitir que os persas entrassem na baía, onde poderiam manobrar com facilidade. Assim, eram atacados pelos navios gregos, que tinham área suficiente para manobrar, quando ainda tinham restrições de manobra e velocidade na entrada da baía. Quando as primeiras galés persas recuaram para os estreitos, encontraram as outras que vinham chegando e estabeleceu-se a confusão, que favoreceu a vitória dos gregos, nas duas extremidades da baía.

Salamina é a primeira grande batalha naval decisiva registrada pela história. A derrota em Salamina, no entanto, impedia os persas de avançarem para o istmo, mas não era tão decisiva ao ponto de fazer com que abandonassem a Grécia Central. A guerra não estava perdida para eles, mas teria que ser planejada para uma longa campanha. Para Xerxes, porém, que assistira a derrota de sua esquadra e que se convencera que não venceria os gregos no mar, não haveria mais uma rápida e brilhante campanha, e, como rei, só lhe restava retornar à Ásia. Foi o que ele fez.

Mardônio, que permaneceu na Grécia no comando das tropas persas, recuou

para o Norte, onde ficava a salvo de um ataque de surpresa e podia obter suprimentos com facilidade. De lá, poderia atacar quando fosse oportuno. A Ática, por exemplo, continuaria sendo um lugar inseguro para os atenienses.

A EXPULSÃO DOS PERSAS

O ponto fraco do exército persa era a pouca confiança que inspiravam seus componentes de origem grega jônia, que logo se comprometeram a mudar de lado. Isso possibilitava a redução de esquadra grega e, conseqüentemente, o aumento dos efetivos do exército grego.

Finalmente, os persas foram vencidos e expulsos da Grécia.

Depois, a esquadra grega, sob o comando de Cimon, libertou Chipre e tomou Bizâncio, e, mais tarde, todas as cidades gregas da Ásia Menor recuperaram a liberdade.

O poder naval grego possibilitou, assim, que eles, apesar de desunidos, conservassem sua independência por séculos, utilizando seu poder marítimo para se manterem prósperos. Essa relativa prosperidade lhes deu um ambiente que possibilitou que construíssem os fundamentos de nossa civilização. ☉

Salamina é a primeira grande batalha naval decisiva registrada pela história.

“Muitas vezes a dúvida é início da sabedoria.”

M. Scott Peck